
Dossiê: Patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina: invisibilidades, história, lutas por direitos e novas epistemologias

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.45916>

Os Caiapós de São Benedito de Poços de Caldas*

The Caiapós of São Benedito de Poços de Caldas

Los Caiapós de São Benedito de Poços de Caldas

*Gabriela Acerbi Pereira***

<https://orcid.org/0000-0001-9289-247X>

RESUMO: O artigo aborda a existência e trajetória dos Caiapós devotos de São Benedito na cidade de Poços de Caldas, localizada ao sul de Minas Gerais, colocando em evidência a trajetória do Grupo Caiapó da Vila Cruz e a vida de Seu Quirino, antigo chefe Caiapó da região, já falecido e sobre quem se encontra pouquíssimas informações registradas, a não ser a partir da narrativa do atual chefe Caiapó da Vila Cruz, Seu Vitor Caveira (Vitor José Ramos), que conheceu seu Quirino quando era criança e foi preparado por ele para atuar como a liderança do grupo, função que exerce nos dias de hoje. Como narra Seu Vitor, Quirino foi um homem filho de pais escravizados, que perpetuou a tradição no território sul-mineiro herdada de seu pai e sua mãe, que já eram caiapós e devotos de São Benedito no passado. Além de apresentar a trajetória de Seu Quirino, este artigo busca descrever dois importantes eventos que marcam os fazeres caiapós na região: a Retirada dos Caiapós da Mata e o Rapto da Bugrinha. Eles serão descritos e debatidos, tendo em vista dimensões espirituais e políticas que atravessam a Festa de São Benedito na cidade e o cotidiano das práticas devocionais da população.

* O artigo é resultado da pesquisa de doutorado recém defendida pela autora, que foi desenvolvida através do PPGAS/UFSCAR, com fomento CAPES – Bolsa Nível Doutorado.

** Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSCAR, Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFSC. Diretora, roteirista, produtora, escritora e artista visual com foco em processos documentais, como o último projeto "Adorei as Almas – A formação da cidade de Poços de Caldas (MG) e a presença africana no território no século XIX", executado via Lei Paulo Gustavo de Fomento ao Audiovisual. Pesquisadora no Instituto Imuê – Mulheres e Economia (<https://institutoimue.org/>). Coordenadora e cocriadora no Projeto Curas (www.projetocuras.com.br), uma plataforma de acervos comunitários reconhecida pelo IPHAN através do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - Edição 2023. Possui pesquisas e produções dedicadas aos processos de formação histórica do território sul-mineiro e práticas curativas familiares associadas à São Benedito e às entidades Pretos Velhos. Contato: gabiacerbi@gmail.com.

Palavras-chave: Caiapós; São Benedito; Sul de Minas; Poços de Caldas; coexistência.

ABSTRACT: The article addresses the existence and trajectory of the Caiapós devoted to São Benedito in the city of Poços de Caldas, located in the south of Minas Gerais, highlighting the trajectory of the Caiapó da Vila Cruz Group and the life of Seu Quirino, former Caiapó chief of region, already deceased and about whom very little information is recorded, except from the narrative of the current Caiapó chief of Vila Cruz, Seu Vitor Caveira (Vitor José Ramos), who met Seu Quirino when he was a child and was prepared by him for act as the group's leader, a role he performs today. As Seu Vitor narrates, Quirino was a man born to enslaved parents, who perpetuated the tradition in the southern Minas Gerais territory inherited from his father and mother, who were already Kayapo and devotees of São Benedito in the past. In addition to presenting the trajectory of Seu Quirino, this article seeks to describe two important events that mark Kayapó activities in the region: the Retreat of the Caiapós from woods and the Rapto da Bugrinha. They will be described and debated, taking into account the spiritual and political dimensions that permeate the Feast of São Benedito in the city and the daily devotional practices of the population.

Keywords: Caiapós, São Benedito, Sul de Minas, Poços de Caldas; coexistence.

RESUMEN: El artículo aborda la existencia y trayectoria del Caiapós dedicado a São Benedito en la ciudad de Poços de Caldas, ubicada en el sur de Minas Gerais, destacando la trayectoria del Grupo Caiapó da Vila Cruz y la vida de Seu Quirino, ex Jefe de la región Caiapó, ya fallecido y del que se tiene muy poca información, salvo el relato del actual jefe Caiapó de Vila Cruz, Seu Vitor Caveira (Vitor José Ramos), que conoció al Señor Quirino cuando era niño y estaba preparado para por él para actuar como líder del grupo, rol que desempeña hoy en día. Como narra Seu Vitor, Quirino era un hombre nacido de padres esclavizados, que perpetuaron en el territorio sur de Minas Gerais la tradición heredada de su padre y su madre, quienes ya eran Kayapo y devotos de São Benedito en el pasado. Además de presentar la trayectoria de Seu Quirino, este artículo busca describir dos eventos importantes que marcan las actividades Kayapó en la región: el Retiro de los Caiapós del Bosque y el Rapto da Bugrinha. Serán descritos y debatidos, teniendo en cuenta las dimensiones espirituales y políticas que permean la Fiesta de São Benedito en la ciudad y las prácticas devocionales cotidianas de la población.

Palabras clave: Caiapós, São Benedito, Sul de Minas, Poços de Caldas; coexistência.

Como citar este artigo:

Pereira, Gabriela Acerbi. “Os Caiapós de São Benedito de Poços de Caldas”. *Locus: Revista de História*, 30, n. 2 (2024): 143-166.

Os Caiapós de São Benedito de Poços de Caldas



Figura 1 — José Renauro, 1935, Poços de Caldas, Caiapós XIII - V - 1935. Lembrança da Festa de São Benedito
Fonte: Acervo Museu Histórico Geográfico de Poços de Caldas (MG).

Na cidade de Poços de Caldas, localizada ao sul do Estado de Minas Gerais, há atualmente dois grupos Caiapós devotos de São Benedito que atuam na tradicional festa para o Santo. Uma festa que acontece todo mês de maio, entre os dias 01 até 13, e que está registrada sob o âmbito institucional do município a partir de documentações publicadas há 120 anos¹.

A festa de São Benedito na cidade se dá a partir de uma sequência de atividades e cerimônias distribuídas entre procissões, missas, novenas, almoços, cortejos e celebrações com performances que acontecem nas igrejas (Igreja Matriz, Igreja de São Benedito, Capela Santa Cruz), no Pátio da Igreja de São Benedito, nas ruas da cidade por trajetos que envolvem também a entrada da Igreja de Santo Antônio e a mata da Serra de São Domingos, que é o local onde acontece a cerimônia de Retirada dos Caiapós da Mata, sobre a qual abordarei com detalhamento mais à frente.

Atualmente, existem dois grupos Caiapós na cidade: os Caiapós do Bairro São José e os Caiapós do Bairro Vila Cruz. Esses grupos atuam de maneira conjunta nas procissões e também individualizada ao longo da programação da festa, a partir de suas demandas internas e das tradições herdadas das lideranças de cada grupo, que ao longo das gerações estruturaram suas ações envolvendo desde a colheita do capim para produção das saias num período anterior aos festejos até a procissão final e retirada/descida do mastro no pátio da Igreja de São Benedito.

¹A documentação mais antiga registrada e arquivada no Museu Histórico Geográfico de Poços de Caldas em relação às Festas para São Benedito no município é datada de 1904, mas estas publicações não abordam a festa como uma primeira edição, apenas registram o acontecimento. As referências estão presentes na coleção digitalizada *Revista de Poços* dos períodos de 1904 e 1905.

Apesar da atual forma de organização dos grupos em duas coletividades na cidade de Poços de Caldas, a presença Caiapó surge na documentação aqui analisada, veiculados entre os períodos do final do século XIX e início do século XX de maneira unificada, sendo citados junto da presença dos “Congos” ou “dansantes de Congados”, como assim estão mencionados em anúncios localizados de 1892 e 1894, tanto quanto nas imagens que podem ser consultadas no acervo do Museu Histórico Geográfico da cidade. É importante destacar que as fotografias presentes no acervo da instituição estão disponibilizadas há pouco tempo para consulta pública e não foram completamente catalogadas, estando muitas delas sem legendas completas ou ordenações sistematizadas entre as coleções específicas pré-estabelecidas pela instituição.

Na imagem acima, o que está identificado na fotografia seria o grupo Caiapó da cidade no dia 13 de maio de 1935. Não há identificação do local específico nem detalhamento na descrição, podendo apenas ser permitido observar a presença do grupo na temporada dos festejos, assim como seus instrumentos de corda e percussivos e também seus arcos e flechas, objetos que até o tempo presente acompanham os Caiapós nas procissões, ainda que os instrumentos atuais não sejam mais os mesmos apresentados pela fotografia.

Para exemplificar o registro caiapó na região, apresento dois anúncios localizados a partir da minha pesquisa de doutorado² no acervo da Biblioteca Nacional³ através do sistema da Hemeroteca Digital. São dois anúncios publicados nas edições de 1892 e 1894 nos jornais *Cidade de Caldas* e *Comarca de Caldas*, que descrevem a presença dos “cayapós e dos dansantes do congado” nos festejos no período de maio, em comemoração a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. Tais notícias têm sua relevância para o contexto da cidade de Poços de Caldas, pois até setembro de 1888, período em que o município era nomeado Freguesia de Nossa Senhora da Saúde, o território esteve formalmente vinculado à cidade de Caldas e conseqüentemente ao seu cotidiano de festas devocionais.

De acordo com os registros levantados, a desvinculação política da Freguesia só foi deliberada pela Assembleia Legislativa Provincial após o período de setembro de 1888, determinando ao Vice-Presidente da Província de Minas Gerais em exercício a criação da Lei nº 3.659 (Lei nº 3.659/1888, ALMG). Desse momento em diante, a localidade passou a ser denominada de Vila dos Poços de Caldas e posteriormente Comarca de Poços de Caldas, passando a ter sua autonomia político-administrativa municipal independente das delegações de Caldas, ainda que sob o ponto de vista cultural e territorial, tendo em vista também a disposição das fazendas e documentação dos seus proprietários, se mantivessem vinculadas.

² Pereira, Gabriela Acerbi. “São Benedito e a Estação das Curas: saúde, devoção e constituições do território sul-mineiro”. Tese de doutoramento em Antropologia Social, São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2024.

³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 13 de dezembro de 2024.

Com a elevação à categoria de vila, os moradores que compunham a elite administrativa poços-caldense puderam delimitar suas fronteiras geográficas e políticas, constituir Câmara dos Vereadores e ter direitos de cobrar e receber impostos, estabelecendo seus próprios códigos de posturas e leis municipais, ofertando desdobramentos distintos para o futuro de cada localidade.

Ainda assim, para pensarmos a presença caiapó e congadeira associada a São Benedito na região, há uma importância significativa em reforçar tal data, enfatizando que até o momento em que foi decretada a abolição da escravatura, a política, a organização administrativa, econômica e a estrutura social local respondiam às definições legais da Comarca de Caldas, sendo também territórios estabelecidos na delimitação Comarca do Rio das Mortes que abarcava todo o sul de Minas Gerais em formação naquele período.

Sobre as experiências caiapós aqui citadas e os anúncios mencionados referentes às festas para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, é importante situá-las num panorama de estudos nacionais e internacionais que se dirigem à inserção das populações escravizadas nas Américas (Souza 2002) e à composição de tradições comunitárias como os Congados, Moçambiques, Catupes, Cucumbis e a formação das Irmandades Negras (Kiddy 2012), as compreendendo enquanto experiências que reelaboram e mobilizaram no contexto colonial identidades, fazeres e formas cerimoniais estabelecidas a partir da perpetuação de devoções e festas, num diálogo de múltiplos significados com o catolicismo e outros referenciais religiosos.

Tais festas, festejos, folguedos e comemorações, acompanhando os trabalhos de Schwarcz (1995), no sentido das cerimônias de retomada e criação de identidades negras e indígenas, estabelecidas enquanto ações de permanência de tradições e também de renovação, a revelia da violência colonial, se apresentam enquanto práticas e estratégias que muito ofereceram para o processo de formação da sociedade brasileira, mobilizando distintos campos referenciais entre o catolicismo europeu e outras dinâmicas espirituais de origem africana e indígenas.

Por exemplo, podemos percorrer em tais festejos citados, como nas experiências poços-caldenses, referenciais em diálogo com expressões da África Centro-Occidental (ou África Central Atlântica), que se destacaram enquanto matriz cultural devido à expressividade do contingente de centro-africanos que foram enviados para a região sudeste do país, como para Minas Gerais, chegando inicialmente pelo porto do Rio de Janeiro e posteriormente dispersados por outras regiões (Florentino 1997). Referenciais que até hoje são mobilizados pelos atores locais que reverenciam com cantos, danças, orações e através das narrativas de família tais regiões sob o ponto de vista da relação antepassada e de pertencimentos imaginados pela experiência devocional.

CIDADE DE CALDAS

GRANDE FESTA DE SÃO BENEDICTO

PROGRAMMA

No dia 4 de Maio, terço começa, as noveas as 6 horas da tarde, na Capella do Rosario.

NO DIA 13
Missa cantada, sermão, procissão, e
Tedeum Laudamus

Leilões de prendas, todos os dias, desde o dia 4. antes das noveas.

Nos dias 12 e 13—grandes festas dansantes de Congados e Caiapós, com embaixadas e cantorias, lotallia simulada, arrendo um grande e magnifico CASTELLO, elegantemente armado na praça José Bonifacio em frente à Capella.

Subirá à scenca, na noite de 12, o importante Drama

TRABALHO E HONRA

E as comedias;
 Scenas dos sertões de Minas
 E
 Atribuições de Mané Côco.
GRANDE NOVIDADE!!!

Será quimada uma grande armação de fogos, trabalho do conhecido artista—**OTTONI PINTO**—na noite de 12.

Os festeiros abaixo assignados, esperam o concurso da população Caldense e das vizinhas, para maior brilhantismo das festas.
 Caldas, 30 de Abril de 1892.

Os Festeiros
 JOÃO JOAQUIM DA COSTA
 IGNACIO P. DA COSTA.
 O Thezourreiro—FRANCISCO FERREAZ
 O Secretario—HILARIO R. DO PRADO.

Figura 2 (à esq.) —Anúncio da grande festa de São Benedito na cidade de Caldas

Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, 1892.

COMARCA DE CALDAS

8

do de ferias, que começará no dia 15 de Novembro e terminará no dia 15 de Janeiro: não haverá tumbem autas aos domingos, quintas feiras e dias feriados decretados por lei. A matricula póde ser feita em qualquer epocha do anno lectivo, e della constará o nome, sexo, idade, sexo, filiação, naturalidade e lugar de residência da matriculanda; d'ella constará tumbem se a matriculanda é ou não viúvada, e bem assim se deve ou não ser considerada aluuna pobre.

As autas funcionarão em duas sessões ou turmas: a primeira das 8 1/2 às 11 horas da manhã, e a segunda de 1 hora às 3 da tarde. Constituirão a primeira turma ou sessão as alumnas que residirem dentro da cidade, e a segunda as alumnas que residirem dentro do município, a partir da casa da escola.

Caldas, 25 de Abril de 1894.
 A professora da 2.ª turma—
Rita Garcia Amarante.

Edital

Alistamento eleitoral

O abaixo assignado Presidente da mesa de qualificação eleitoral federal da 2.ª seção do distrito desta cidade, faz sciencia a todos aquelles que se julgarem com direito á qualificação que achase installada a mesa, que trabalhará 30 dias consecutivos das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no salão edificio da Santa Casa de Misericórdia desta cidade. Ingar para isso designado pelo Governio Municipal. Os qualificados deverão apresentar os seus requerimentos independentes de selo, contendo nome e sobrenome, cidade, profissão, estado, residencia e filiação.

E para interesse de todos mandou lavrar o presente edital que será publicado pela imprensa e affixado na porta do edificio e nos lugares mais publicos desta cidade.

Caldas, 21 de Abril de 1894.
Liberato M. de Souza Junior.

O PROGRAMMA

DA
 FESTA DE N. S. DO ROSARIO
 EM
 CALDAS

SESSÃO DE 13 DE MAIO

Constará de noveas, missa cantada, procissão, á entrada da qual será queimado um grande fogo de baterias.

Os leilões começarão no dia 21.

Haverá dansa do **COGO** desenhada por 2 grupos de vallettes dansantes.

EXHIBIRSE-Á TAMBEM UM GRUPO DE CAIAPÓS—

A FESTA TERÁ LUGAR NO DIA JA ANUNCIADO

-20 DO CORRENTE-

O festeiro pede o auxilio de todos os habitantes da cidade e o seu commercio aos leilões.

A festa será annunciada por um grande marteteiro e fogos, hojes.

Caldas, 20 de Abril de 1894.

O FESTEIRO
OTTONI BARBOSA.

PROGRAMMA

DA
 FESTA DE SÃO BENEDICTO
 NA
 CIDADE DE CALDAS

Comearão as noveas no dia 4 de Maio, havendo todas as tardes leilões de prendas.

As pessoas que a elles assistirem terão ocazio de apreciar um novo repertorio que a distincta corporation musical está ensaiando para deitar o publico.

No dia da festa, que terá lugar a 13, haverá missa cantada, procissão, nomeação e pesso aos novos festeiros.

A festa será abrihantada por tres bundos de congos: azuis, vermelhos e brancos que, cacestadas noas marchas e dansas divertirão o povo satisfactoriamente.

Haverá tumbem um grupo de caiapós.

Os festeiros nutrem os melhores desejos de bem responder ao que delles se espera, quanto ao desempenho de sua festa.

Na vespera, isto é, no dia 12, haverá um chá geral, para o que pedem a todos os srs. que honrem a casa da festa.

Elles esperam e contam com a conjuvação do publico, pedindo a todos os habitantes da cidade um brinde para os leilões e o conjuvamento aos mesmos leilões.

Caldas, 20 de Abril de 1894.

Hilario G. Nogueira—Paulinoda S. Dias.

Figura 3 (à dir.) — Programa da Festa de São Benedito na cidade de Caldas

Fonte: Acervo Biblioteca Nacional, 1894.

Sobre a presença dos grupos caiapós em Poços de Caldas, suas subdivisões no contexto dos festejos populares e os desmembramentos em relação aos dois territórios aqui citados (Caldas e Poços de Caldas), há muitos desafios e também limitações para mensurar detalhes sobre como tal processo se deu ou suas possíveis correlações temporais. Há também uma dificuldade material para concretizar um levantamento aprofundado acerca das lideranças mais antigas dos grupos e suas trajetórias de vida, considerando a escassez de fontes que acusem suas existências e informações sobre seus percursos de vida ao longo das transformações da festa de São Benedito na região. Assim como há poucas pesquisas acadêmicas desenvolvidas no território, sejam estas

voltadas aos documentos presentes nos arquivos públicos ou direcionadas ao registro das narrativas orais acerca do passado caiapó e seu protagonismo no contexto dos festejos.

No artigo “Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil”, Elizabeth W. Kiddy (2012) nos convoca a pensar sobre a imagem dos reis do Congo que permearam distintos festejos e tradições de norte ao sul do país, que só podem ser compreendidas a partir de suas raízes culturais e históricas. Retomando uma sequência de registros de apresentações dos rituais de reis negros coroados desde 1642, a autora traça semelhanças e faz um levantamento das experiências sociais de devoção envolvendo a representação dos reinados. Neste processo de análise das fontes, ela vai destacando como a partir do século XVIII, em Minas Gerais, o poder das organizações negras e seus reis se manifestavam principalmente a partir das organizações das Irmandades do Rosário.

Ao retomar registros das festas de coroação no território, Kiddy (2012, 188) apresenta por exemplo, descrições referentes ao período de 1843 na região de Sabará, em Minas Gerais, onde as coroações de reis negros descritas já apresentavam uma vinculação de referenciais africanos e referenciais ditos “brasileiros”, fazendo referência a “índios brasileiros”, incluindo descrições de eventos que expunham a presença de cocares de pena e outros objetos cerimoniais que comunicavam experiências de coexistência (Brasileiro 2024), contato e confronto.

Por exemplo, a autora menciona referências aos caboclos no desenvolvimento do drama ritual chamado cucumbi (Kiddy 2012, 189), que a partir das descrições apontadas por ela muito se assemelha às cerimônias vivenciadas até hoje em Minas Gerais que articulam congadas e caiapós, como o ritual poços-caldense conhecido por Retirada dos Caiapós da Mata que mobiliza um imaginário de vínculos afro-indígenas.



Figura 4 — G – 142 - Grupo de Caiapós, Poços de Caldas, 1956. Descrição da ficha catalográfica: “Grupo de Caiapós se apresentando em frente à residência de Sr. Mário Mourão na Rua Junqueira”

Fonte: Acervo do Museu Histórico Geográfico.

A imagem acima também compõe o acervo do Museu Histórico Geográfico de Poços de Caldas (MG) e faz parte de uma seleção de fotografias que apresentam muitas incompletudes em relação à catalogação e confirmação das datas de registro. Ainda assim, ela foi arquivada enquanto um registro do grupo Caiapó no ano de 1956, durante procissão de devoção a São Benedito no período do mês de maio na cidade. É possível localizar na imagem a mesma estrutura de indumentárias tecidas a partir de penas e capim, como é mantido até os dias atuais, durante uma procissão em uma das principais ruas da cidade de Poços de Caldas naquele período.

A considerar o levantamento de fotografias associadas aos festejos para São Benedito na região, realizado por mim ao longo da pesquisa de doutorado defendida em julho de 2024 acerca das práticas devocionais vinculadas a São Benedito em Poços de Caldas, pude estabelecer um diálogo em fotografias e anúncios de jornais, observando um fortalecimento e formalização das publicações acerca da devoção ao Santo e das festas na cidade de Poços de Caldas a partir de 1904. E, no caso da cidade de Caldas, pude encontrar registros associados à Irmandade de São Benedito no município, que por exemplo, formalizou seu estatuto no ano de 1916 e seguiu em atuação ao longo dos anos até desaparecer da cidade tanto quanto os próprios festejos, congados e caiapós. Na análise dos acervos disponíveis⁴ consultados, em relação aos registros da atuação da Irmandade e dos grupos devotos (Congos e Cayapós), eles vão se reduzindo a partir da década de 1960 nos jornais, até oficialmente o município não apresentar mais as comemorações no formato da Festa de São Benedito, situação na qual atualmente se encontra a cidade atualmente.

É importante destacar que o processo de análise em relação ao desaparecimento dos festejos e dos grupos ainda carece de avanços em relação às fontes orais e arquivísticas, principalmente no que diz respeito a fontes que possam articular de maneira mais direta os motivos do desaparecimento dos festejos, levando em consideração associações anteriores entre as antigas práticas devocionais caldenses, sua extinção, a separação de ambos territórios e a perpetuação dos festejos e grupos na cidade de Poços de Caldas, que até os dias atuais tem a festa como um marco institucional importante para toda a região.

Sobre as práticas caiapós que seguem sendo perpetuadas, dou ênfase a dois rituais de destaque na região sul-mineira: o Rapto da Bugrinha, realizado no passado, mas sem perpetuação atual na cidade de Poços de Caldas – ainda que os grupos mantenham a presença da “bugrinha” durante as procissões e apresentações – e a Retirada dos Caiapós da Mata. A Retirada é um ritual mantido que deixou de acontecer no Bairro da Vila Cruz, na antiga Rua das Pedras, e que atualmente acontece na Fonte dos Amores da cidade de Poços de Caldas, ponto turístico

⁴ Acervo físico do Museu Histórico Geográfico de Poços de Caldas (MG) e acervo digitalizado na Hemeroteca do Arquivo Nacional.

localizado na mata da Serra de São Domingos, além de acontecer também na cidade de Machado – localidade que fica a 85km de Poços – durante a festa de São Benedito no mês de agosto.

Sobre tal presença no território sul-mineiro, as imagens selecionadas e aqui apresentadas apenas introduzem uma análise em desenvolvimento que dão conta de distintos momentos em que grupos situados a partir da nomeação “Caiapó/Cayapó” se apresentaram na cidade de Poços de Caldas, diretamente vinculados a São Benedito e seus festejos que ocorrem no mês de maio. As fotografias, ainda em processo de catalogação, observação, legendamento e análise pelo Museu local, pelos próprios grupos e por coletivos culturais⁵ locais, apresentam principalmente a composição de diálogos afro-indígenas a serem analisados. E representam uma população marcada por processos de racialização no contexto local, situadas num cenário em que a festa foi e ainda é tecida enquanto espaço de disputa, negociação e alargamento dos seus significados, fundamentos referenciais e protagonistas, circulando entre as experiências negras vividas, entre as experiências indígenas lembradas e também por elites senhoriais que desde a ocupação do território requerem sentidos próprios e também propriedade e responsabilidade em relação à Irmandade de São Benedito, às “origens” da festa e em relação ao próprio Santo, desde a posse das imagens tanto quanto o terreno onde está situada a Igreja e a festa.



Figura 5 — Caiapós de Poços de Caldas. Imagem sem data, sendo uma digitalização feita no ano de 2023 na casa do chefe Caiapó⁶

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira (Chefe Caiapó).

⁵ Destaque para o trabalho do Projeto Curas plataforma de acervos comunitários reconhecida pelo IPHAN através do 36º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Disponível em: <http://www.projetocuras.com.br>. Acesso em 13 de dezembro de 2024.

⁶ A fotografia faz parte do arquivo de Seu Vitor Caveira e é referenciada por ele enquanto parte de um livro que apresenta uma legenda equivocada acerca dos nomes e identificação dos presentes na imagem.



Figura 6 — Caiapós de Poços de Caldas, sem data

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira (Chefe Caiapó).

Sobre as experiências caiapós associadas às festas para São Benedito na região sudeste, ainda há muitos trabalhos a serem desenvolvidos no sentido das fontes e também no estabelecimento de correlações entre as expressões, as trajetórias de seus protagonistas e as transformações que atravessaram ao longo do tempo os próprios festejos, folguedos e procissões. Trabalhos como os de Petrônio Rodrigues (2012) dão conta do envolvimento e presença caiapó, por exemplo, enquanto práticas negras no contexto do desenvolvimento do carnaval na região paulista nas décadas na passagem do século XIX para o XX. Nesta direção, seu trabalho amplia ainda mais compreensões acerca das práticas culturais envolvidas nas experiências caiapós, assim como dimensões de pertencimento acionadas por elas. Rodrigues (2012) fala sobre os caiapós enquanto experiências de cunho afro-diaspórico, onde as comunidades negras investiram na criação e recriação de formas populares para brincar o carnaval no contexto de formação da sociedade brasileira.

Retomando Von Simson (2007), Rodrigues nos permite compreender como os caiapós constituíram a “gênese dos folguedos carnavalescos negros” na região de São Paulo, apresentando autos dramáticos em forma de dança, que precediam as procissões coloniais. Como apresenta o pesquisador, esses autos aconteciam na região até que nas últimas décadas do oitocentos, os caiapós foram proibidos de acompanhar cortejos religiosos e passaram a fazer parte de um novo calendário na cidade: o carnaval.

Também levantando o trabalho de memorialistas do período citado, Rodrigues (2012) apresenta descrições acerca dos caiapós em São Paulo, das suas roupas e objetos, com destaque para os cocares, os colares, os rostos pintados e também a presença de instrumentos improvisados, além dos arcos e flechas - como nas imagens localizadas em Poços de Caldas. Há

ainda a descrição das músicas promovidas pelos “batuques dos pés” e a presença de “danças guerreiras” em materiais localizados até cerca dos anos 1910 e 1919. Descrições que em certa medida, apesar das singularidades, dialogam em muitos aspectos com a experiência caiapó existente no sul de Minas Gerais, a considerar uma das principais distinções entre tantas semelhanças: a permanência dos grupos caiapós no contexto religioso devocional, onde até hoje os grupos acompanham as procissões e têm protagonismo em relação ao calendário de cerimônias que as acompanham e estruturam os festejos.

A Retirada dos Caiapós da Mata e o Rapto da Bugrinha

Na cidade de Poços de Caldas, durante a programação da Festa de São Benedito, todo dia onze do mês de maio os congadeiros, congadeiras, caiapós, devotos e devotas se direcionam ao pé da Serra de São Domingos – nome local dado para este trecho da Serra da Mantiqueira que compõe o território da cidade. Neste dia, anualmente, devotos e devotas realizam a cerimônia/ritual tradicional chamada de “Retirada dos Caiapós da Mata”.

Em décadas anteriores, o evento costumava acontecer na antiga Rua das Pedras⁷, no Bairro Vila Cruz, zona oeste do município, próximo à antiga morada do chefe caiapó já falecido, Seu Quirino. Nas décadas mais recentes, ele é realizado no trecho da mata que está localizado no centro da cidade, no ponto turístico Fonte dos Amores – apresentado na fotografia abaixo – que é uma fonte de água mineral localizada ao pé da mata e que foi explorada desde o final do século XIX, principalmente a partir da consolidação das fazendas em seus entornos com o requerimento de sesmarias por famílias de origem portuguesa e também através da entrada dos médicos termalistas⁸ europeus na região na busca pela exploração das águas reconhecidas como curativas. Desde 1929, a região da fonte é acompanhada de uma estátua de mármore esculpida que representa um jovem casal abraçado.

⁷ Endereço que atualmente não existe mais, assim como a estrutura de pedras que compunha a rua.

⁸ Médicos termalistas foram profissionais de saúde principalmente de origem europeia que atuaram na região a partir do interesse e uso das águas sulfurosas, prescrevendo tratamentos, utilizando águas minerais, naturais e termais para a recuperação e manutenção da saúde.

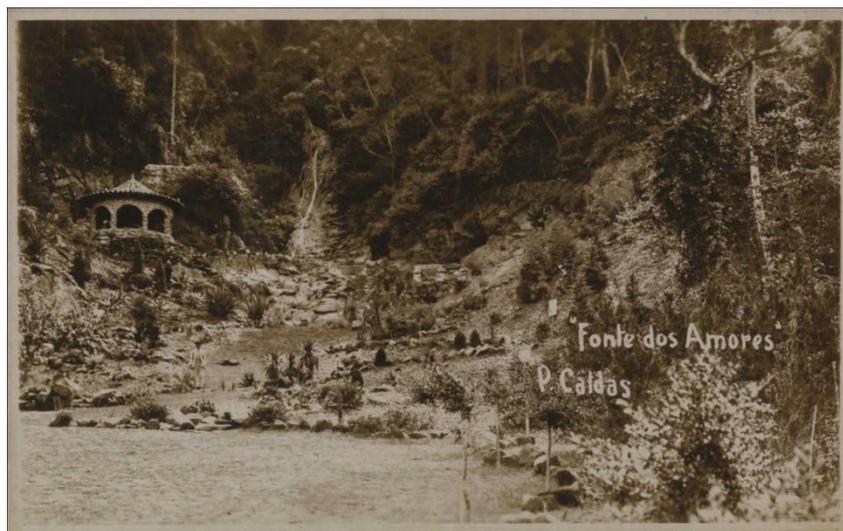


Figura 7 — Fonte dos Amores. Wessel.

Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica Biblioteca Nacional, 1929.

Como programação da Festa de São Benedito, todo dia 11 de maio, os grupos congadeiros e caiapós circulam pela cidade até chegarem ao pé da mata. Ali, os presentes ativam a memória do passado escravista com a encenação de uma disputa seguida de acordo e união dos grupos, fazendo referência às negociações e relações de apoio mútuo entre a população negra escravizada e indígena estabelecidas em tempos anteriores. Tais processos são revividos não só no embate, mas no momento de troca de cocares e coroas que acontece sequencialmente ao som dos tambores congadeiros e caiapós.

Durante a Retirada, o Rei Perpétuo do município – que, até os últimos anos, era o cargo de Seu Luiz Siqueira, falecido em 2019, e que atualmente está sob responsabilidade de seu filho – sobe mata adentro acompanhado do Terno de Congo de São Benedito. Ele caminha procurando os caiapós, principalmente o chefe caiapó. Os caiapós esperam o Rei escondidos na mata, apresentando um estado de espreita e apreensão. Tal espera é acompanhada sequencialmente de um embate entre congadeiros e caiapós, começando pelo Rei Perpétuo e o Chefe Caiapó, que guerreiam entre si até chegarem num acordo que é selado na rendição.

Com sua coroa, a capa e o traje todo azul de cetim enfeitado de fitas coloridas, o Rei se direciona ao encontro com o chefe Caiapó, que se apresenta com as vestes tradicionais de capim e penas. Entre as árvores, os dois chefes guerreiam até que o silêncio vai sendo substituído pelo som dos tambores e das estacas de madeira. Durante o processo, mantém-se uma dinâmica de confronto até estabelecerem um entendimento que está também associado à devoção em São Benedito e um processo de conversão Caiapó. Acordo e devoção são selados quando ambos, junto de seus grupos, saem em procissão. Durante o confronto guerreado, pequenas clareiras de fogo são abertas e todo o público de devotos acompanha o embate até o momento crucial do

evento: a troca do cocar pela coroa entre ambas as lideranças, passando o Rei Perpétuo a usar o cocar e o Chefe Caiapó a coroa e selando a união entre eles. Até o momento da troca, como na imagem abaixo, os membros do grupo caiapó principalmente, aguardam embrenhados na mata, à espreita, o desdobramento do encontro/confronto para depois seguirem a liderança caiapó.



Figura 8 — Caiapós na Fonte dos Amores. Fotografia realizada em maio de 2019 durante o momento da retirada.

Fonte: Acervo Gabriela Acerbi Pereira, 2019.



Figura 9 — Caiapós na Fonte dos Amores. Fotografia realizada em maio de 2019 durante a Retirada.

Fonte: Acervo Gabriela Acerbi Pereira, 2019.

Após a troca de cocar e coroa, Caiapós e o Terno de Congo de São Benedito se juntam aos demais Ternos congadeiros em procissão, como no momento da fotografia acima, que representa o momento de unificação dos grupos para realização da procissão de devoção. Eles seguem até as ruas centrais da cidade, num percurso cantado, tocado e dançado até chegarem à Igreja de São Benedito. Mas, antes de avançarem as ruas, ainda na área da fonte, o Mestre Bucha – pertencente ao Terno de São Benedito – narra os acontecimentos para quem os assiste. Em sua

fala, anualmente ele explica o valor da resistência contida nesta união entre Congos e Caiapós. Com o microfone em mãos, ele enfatiza não só o estado de confronto acionado, mas o de acolhimento e compartilhamento, assim como a relevância e os saberes contidos naqueles que habitaram as serras e as matas antes de todos que nelas chegaram. Mestre Bucha faz referência aos caiapós enquanto aqueles que por muito tempo ofereceram condições de proteção para a população negra em fuga do cativeiro e da violência escravista do período passado. Mestre Bucha é o mesmo protagonista local que faz questão de enfatizar em suas falas o fato de São Benedito ter sido um homem negro, filho de escravizados que nasceu na Itália na condição de liberto.

Durante todo o percurso e no momento da retirada, pequenas clareiras de fogo são feitas e desfeitas pelos grupos, tanto devido aos seus sentidos de “chamado” contido na performance apresentada com o fogo, quanto para tratar do couro dos instrumentos. Tocando, dançando e cantando, a aliança vai sendo selada e representada nas ruas da cidade, enquanto as pessoas descem no sentido da Igreja onde continuarão a programação que se estende até a noite.



Figura 10 — Rei Luís preparando o fogo para atrair os Caiapós na Retirada

Fonte: Acervo Divisão de Cultura, 2002.

A Retirada dos Caiapós da Mata reúne uma imensidade de significados e intenções, sendo uma das ações que há muitos anos e gerações fazem parte da Festa de São Benedito, além de ser um momento esperado pela população e que se repete em variações nas cidades vizinhas. Na cidade de Machado, é a Congada Centenária que vai retirar os Caiapós da mata. Enquanto o ritual acontece, que também chega ao seu desfecho com a troca de cocar e coroa entre o Rei e a Chefia Caiapó, é possível ouvir as seguintes cantigas sendo entoadas por devotos e congadeiros que acompanham também a chegada da imagem de Nossa Senhora do Rosário:

Oh Caiapó, escutai o meu pedido.
Me devolva Chico Rei, nós viemos como amigo

Me devolva Chico Rei, nós viemos como amigo

A Jurema mandou perguntar se lá na mata em caboclo
Sai sai sai caiapó, saia de trás do tronco
A Jurema mandou perguntar se lá na mata em caboclo
Sai sai sai caiapó, saia de trás do tronco

Oh Caiapó, que mora na mata serena
Oh Caiapó, que mora na mata serena
Oh Caiapó, olha as folhas da Jurema.
Chico Rei entrou na mata, ele vem te visitar
Chico Rei entrou na mata, ele vem te visitar
Oh Caiapó, escutai o seu chamado

Chico Rei manda o fogo, isso foi o seu sinal
Chico Rei manda o fogo, isso foi o seu sinal
Oh Caiapó, não viemos te fazer mal.

Entre tantos aspectos que o evento evoca, assim como as cantigas que revelam e explicitam essa articulação entre negros e “caboclos”, chama atenção as maneiras pelas quais a população mantém em seu cotidiano de devoção as presenças do passado. E o evoca de várias maneiras, a partir de suas próprias experiências pela cidade e do próprio corpo, como bem enfatiza Jeremias Brasileiro (2020) ao falar da gestualidade ritual que se enraíza nos discursos corpóreos envolvendo congados e massambiques em Minas Gerais, por exemplo. No caso da Retirada dos Caiapós da mata no sul de Minas, há uma evocação a partir de gestos que discutem com a colonialidade. Gestos que revelam não só as conexões com o tempo anterior, com os que já se foram e que fizeram parte dele, mas que trazem em evidência para a repetição do ritual, camadas da memória atreladas à complexidade da violência daquele período, com seus tensionamentos e com as resistências mobilizadas em tal passado pelas comunidades.

Não só o tempo e os seres retomados, os antepassados, mas a maneira árdua e conflituosa pela qual se deram os processos no contexto escravista, permeados por ocupações de terra, disputas e guerras provenientes de relações de domínio que acompanham a constituição dos territórios sul-mineiros, por exemplo, entre os séculos XVIII e XIX. E como nos permite pensar José Carlos dos Anjos (2006), sendo possível compreender tais experiências estabelecidas a partir da dimensão das encruzilhadas, tendo em vista o encontro das diferenças, situações nas quais os contextos religiosos afro-indígenas no Brasil estabeleceram cartografias próprias acerca das territorialidades vividas, que englobaram e seguem englobando jogos de alteridade complexos e sofisticados.

Ainda sobre as evocações tecidas nas práticas caiapós da cidade de Poços de Caldas, é importante destacar a presença da “bugrinha” que acompanha os grupos nas procissões, assim como as antigas encenações do Rapto da Bugrinha que atualmente não acontecem mais. A presença da “bugrinha”, mantida até hoje, e a encenação anteriormente protagonizada pelos

grupos Caiapós reconstroem na programação da Festa de São Benedito o rapto de crianças indígenas (meninas e também jovens mulheres) por parte dos homens brancos colonizadores, relembrando o processo de captura de figuras femininas indígenas no período colonial – que é um evento que acompanha o imaginário de muitas famílias da região ao trazerem explicações acerca de suas antepassadas e genealogias, retomando, registrando e problematizando os eventos em que as mulheres indígenas eram “pegas no laço” e raptadas de suas famílias por homens brancos detentores de posses e terras.

Tais experiências, recorrentes nas narrativas locais das famílias, se apresentam no contexto devocional para São Benedito enquanto ritual. E ainda que na ausência de detalhamentos precisos acerca de pertencimentos étnicos, dialogam com apagamentos e protagonismos passados para referenciar avós, bisavós e tataravós que foram apartadas de suas famílias e territórios de origem, abordando então contextos de extermínio indígena e a exploração do corpo das mulheres ao longo dos “sertões das Minas” durante o século XVIII a partir das formas de exploração territorial estabelecidas, por exemplo.

Como narra Seu Vitor Caveira em entrevista concedida para um projeto executado em parceria com a Plataforma Projeto Curas – na qual atuo enquanto equipe de produção de materiais audiovisuais –, o chefe dos Caiapós da Vila Cruz (grupo localmente conhecido como flecheiros) relembra momentos passados associados ao rapto das bugrinhas durante os festejos. Por meio de suas palavras, mas também descrito em anúncios de jornais de Poços de Caldas⁹, as encenações do rapto protagonizaram momentos em que o grupo descia as ruas carregando uma “bugrinha” que seria raptada – e que no caso das encenações, eram feitas por um menino da comunidade usando roupas que o identificavam enquanto “menina”, com por exemplo uma saia florida, uma camiseta e um lenço na cabeça. A escolha de um menino para representar a “bugrinha” era feita, de acordo com Seu Vitor, dada a preocupação e necessidade de proteção em relação às meninas, que então eram poupadas na encenação. A encenação envolvia principalmente os homens brancos de famílias conhecidas da cidade, que atuavam repetindo as cenas antigas do rapto da “bugrinha”, as capturando e levando para lugares longe do grupo Caiapó.

Ao longo do dia, conta Seu Vitor que os caiapós avançavam a cidade na busca da criança, passando na porta das moradias das famílias que poderiam estar envolvidas no roubo – processo que está diretamente ligado à ideia da “laçada” e a expressão referida às meninas e mulheres indígenas e também negras que no passado foram “pegas no laço”. Em fragmentos de jornais antigos da cidade é possível encontrar descrições que falam sobre os “caiapozinhos” vestidos de

⁹ *Poços em Revista*, edição de 1973.

“bugrinhas”, que eram raptados por “populares” e depois devolvidos com algum retorno em “dinheiro” para a festa e os grupos. Hoje não há mais a encenação dos raptos, mas as “bugrinhas” representadas acompanham os grupos na procissão, como podemos observar nas duas fotos abaixo que compõem arquivos pessoais dos grupos e chefias caiapós. Na primeira imagem encontramos uma jovem “bugrinha” com um lenço branco na cabeça, sendo protegida pelo grupo que avança as ruas. Na segunda imagem encontramos duas crianças menores, também com lenços na cabeça fazendo referência às “bugrinhas” como parte integrante do grupo caiapó. As vestimentas de capim e pena, assim como arcos e flechas de madeira acompanhados de instrumentos percussivos dialogam com a fotografia inicial deste artigo, registrada em 1935.



Figura 11 — Caiapós da Vila Cruz, Avenida Champagnat, onde é possível ver a bugrinha de lenço branco na cabeça, ao lado esquerdo da imagem

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira, 1952.



Figura 12 — Os Caiapós e duas “bugrinhas” em frente à residência do senhor Jeremias Amaral e família, na Rua Barão do Campo Místico

Fonte: Acervo Nazir Amaral, organização de Senhor Pedro do bairro São José, 1987-1990.

Seu Quirino - o chefe Caiapó da Vila Cruz



Figura 13 — Grupo do Quirino

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira, 1940¹⁰.

Vitor Augusto Ramos é o atual chefe Caiapó do grupo pertencente ao Bairro Vila Cruz. Ele e sua falecida esposa, Sebastiana Maria de Jesus, presentes na fotografia abaixo assumiram a coordenação do grupo que atualmente é composto por suas filhas e filhos, netos, netas, sobrinhos, sobrinhas e também moradores e moradoras da região, além de amigos da família devotos de São Benedito.



Figura 14 — Seu Vitor Caveira e Sebastiana Maria de Jesus, sua esposa.

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira, sem data registrada.

Seu Vitor Caveira, como assim é conhecido na cidade, cresceu aos pés da Serra de São Domingos, brincando entre as matas que envolvem o bairro, andando por trilhas e desvendando

¹⁰ De acordo com a análise do líder, a fotografia data-se aproximadamente de 1940.

cavernas de pedra que ele descreve ainda encontrar por ali. As memórias de Seu Vitor carregam muitas lembranças do processo de urbanização e transformação do bairro que no passado comportava a Retirada dos Caiapós da Mata na antiga Rua das Pedras. Um endereço que já não existe mais e que era bem próximo da casa de Seu Quirino, liderança já falecida do grupo e que passou para ele todos os saberes em relação à tradição Caiapó, o tornando a chefia do grupo a partir de uma preparação que o acompanhou desde a infância.

Lembra Seu Vitor em entrevista gravada em parceria com o Projeto Curas que a antiga chefia caiapó do bairro Vila Cruz, Seu Quirino, era um homem negro de pele retinta, nascido numa zona rural da região, como assim ele relatava em suas histórias de vida, e que viveu até aproximadamente os 80 anos. Seu Quirino faleceu quando Seu Vitor tinha 22 anos, por volta de 1973, tendo nascido ainda no final do século XIX.

Entre as lembranças que carrega do antigo Chefe Caiapó, Seu Vitor narra que Seu Quirino contava sobre ter sido filho de um casal que foi escravo na região, e que além de terem vivido aqui nesta condição de escravizados, trabalhando nas fazendas daquela época, já eram também caiapós e devotos de São Benedito, tendo sido com eles o seu processo de aprendizagem em relação à devoção e à feitura de tudo que acompanha os Caiapós nas procissões. Conta Seu Vitor Caveira que Seu Quirino enfatizava perpetuar uma tradição herdada de sua família, principalmente dos seus pais, tendo a realizado até o final de sua vida.

Seu Vitor conta também que quando Seu Quirino faleceu, poucas pessoas sabiam o seu nome completo ou detalhes sobre sua vida e identidade, além de não haver muitos documentos sobre a liderança. Como reforça na narrativa, Seu Vitor Caveira explica que o que aprendeu sobre Seu Quirino foi no convívio e no dia a dia. E sobre a ausência dos registros, conta também que no dia da morte do chefe Quirino, houve muitos problemas associados à falta de documentos e informações sobre ele, o que impossibilitou o registro em seu túmulo durante o enterro.

Além disso, lembra Seu Vitor Caveira que Seu Quirino partiu em condições de pobreza, com pouquíssimo reconhecimento por parte da cidade acerca de sua vida inteira dedicada à manutenção da tradição caiapó na Festa de São Benedito. Mas a tradição, conforme reforçou em entrevista, graças à dedicação de Quirino e de seus pais que a trouxeram das roças para cá, seguiu firme até hoje, estando agora enraizada nos membros de sua família, filho, filhas, sobrinhas, netos e netas.

Sobre a trajetória de Seu Vitor e da família na devoção a São Benedito, conta o atual chefe que elas são marcadas por uma promessa feita pela mãe ainda na sua infância. Com essa promessa, ele passou a participar dos festejos para agradecer a cura de muitas verrugas que tinha

pelo corpo e que foram eliminadas através da ação do santo com os pedidos da mãe. Nas palavras de Seu Vitor:

Meu nome é Vitor. Eu danço o caiapó desde os sete anos. O caiapó da Vila Cruz, o caiapó do Seu Quirino. E danço até hoje. Tenho um grupo, está um pouco menos agora, mas temos o grupo. E eu, desde criança, com sete anos de idade, a minha mãe fez uma promessa porque eu tinha muita berruga no meu corpo. Na mão, nas pernas até no rosto, e ela fez uma promessa pra São Benedito. Que se eu sarasse das berrugas eu ia dançar caiapó. E eu tinha sete anos e ela pôs eu pra dançar caiapó. Era pra eu dançar sete anos, mas como eu gostei, adorei o caiapó, eu continuei o caiapó, dançando com o Seu Quirino, com o Gadinho, com o Félix – que são tudo primo. O Gadinho é irmão do Seu Quirino, o Félix é primo do seu Quirino. O Telau também era primo do Seu Quirino. E eles dançavam caiapó e eu continuei dançando porque era tudo colega, amigo. E dancei muitos anos com Seu Quirino. Depois que o Seu Quirino ficou doente, faleceu, eu fiquei dois anos sem dançar. Sem ter caiapó na Vila Cruz porque o caiapó, pelo que eu saiba, o primeiro caiapó de Poços de Caldas é o Caiapó da Vila Cruz. Se teve outro, foi antes de mim ter nascido porque eu não conheci. Porque o único caiapó que eu conheço é o da Vila Cruz, foi o primeiro. Depois que Seu Quirino faleceu eu continuei com o grupo de caiapó. Muitos já faleceu, já morreu. A maior parte dos mais velhos já morreu, estão só esperando eu agora. Mas tem o caiapó do Seu Pedro também. Mas o primeiro foi aqui. Eu tenho um colega que tem foto, eu devo ter a foto também. O seu Pedro dançando caiapó no caiapó do Seu Quirino, novinho, moço – que essa foto tá com o Birigui. Só que o Birigui faleceu. A esposa dele falou que vai me arrumar a foto. Eu tenho foto do Birigui na rua Assis, perto da Matriz com o grupo de caiapó do Seu Quirino, e mais ou menos essa foto deve ter uns 70, 80 anos. Essa foto que eu tenho, o Birigui bem velhinho. E o Birigui continuou dançando comigo depois que Seu Quirino morreu [...]. O Jacaré, o Rubinho, o Dinoite lá do São José, o Ditão [...] (Caveira, 2023).

O bairro Vila Cruz é onde habita Seu Vitor Caveira há gerações, sendo sua casa e sua oficina estabelecidas em um terreno herdado da família materna, que é também a sede do grupo. Atualmente, a casa de Seu Vitor é o principal ponto de encontro dos caiapós da Vila Cruz, assim como se constitui também como um acervo das memórias coletivas que envolvem o legado de Seu Quirino. Ali, ficam guardadas as roupas feitas de capim e penas, os instrumentos, as fotografias e tudo que utilizam durante as procissões, como as saias e cocares que confeccionam. Seu Vitor guarda muitas coisas e também histórias rememoradas de Seu Quirino, entre elas as antigas imagens de como eram os festejos para São Benedito rua das Pedras, no bairro Vila Cruz. Ele lembra também das caminhadas pelas matas do entorno quando era criança e das maneiras como o chefe Quirino o ensinava a dançar e a bater as espadas e tambores. Lembra ainda das histórias que envolviam rotas internas nas matas próximas, dos caminhos alternativos que eles abriram entre as árvores e de como aquela serra, que até hoje observa de casa, guarda muitos vestígios do tempo da escravidão, como algumas ruínas de construções de pedras e cavernas que serviram no passado enquanto esconderijos.

Do período em que era menino, Seu Vitor “lembra do cavaquinho que fazia parte do grupo, da batida das espadas, da dança ensinada descalça, da tocada sem canto, do roubo da bugrinha, da ação do espadeiro, do caixeiro e de como eles aprendiam a acelerar o ritmo tocado pra chamar atenção dos flecheiros de bugrinha”. Além deles, Seu Vitor lembra também dos “flecheiros de guia” que ocupavam o bairro durante os festejos, e que naquele período do ano

sabiam exatamente aonde deveriam ir. Nas suas memórias Caiapó, a Vila Cruz era apenas um pedacinho da cidade colado nas matas, um bairro um pouco afastado, rodeado de árvores, também de nascentes de água e onde eles se preparavam para as procissões.

Como lembra e detalha com precisão, era na antiga Rua das Pedras onde eles recebiam de Seu Quirino uma bacia cheia de pedras de anil que haviam sido doadas por donos de vendas próximas em apoio ao grupo ou por devoção a São Benedito. O anil era utilizado na preparação do corpo para as procissões.

Como relata, eles seguiam as coordenadas de Seu Quirino, derretiam o anil para pintar o corpo e rosto completamente de azul e só depois desta pintura feita tinham autorização para saírem na procissão. No último dia, seguindo as ordens de Seu Quirino, o anil era substituído por urucum. Na mesma rua, o urucum era moído pelo Chefe Caiapó também numa bacia e passado aos integrantes do grupo. Com esse urucum moído, pintavam-se por inteiro para caminhar pela cidade, mais uma vez tocando, dançando, rezando e então finalizando os festejos para São Benedito no dia da descida do mastro, que marca a finalização das comemorações.

Ainda sobre a experiência Caiapó na cidade de Poços de Caldas, é importante destacar que o bairro Vila Cruz está associado à Festa de São Benedito há gerações, tendo um protagonismo nas procissões através do grupo, juntamente com os Caiapós do Bairro São José, área popularmente conhecida como Morro do Serrote. Ainda assim, o bairro Vila Cruz, localizado na zona oeste da cidade, tornou a região e seus moradores historicamente conhecidos enquanto “flecheiros”, como são nomeados até hoje. A expressão “flecheiros” se apresenta no contexto municipal demarcando narrativas de pertencimento e é referência para aqueles que nascem na região e que estão envolvidos na devoção para o Santo.

Sobre tal localidade, que é uma referência para a constituição do grupo Caiapó de Seu Quirino, é necessário destacar que a área e o seu povoamento acompanham o processo de formação da cidade de Poços de Caldas desde as ocupações estabelecidas com a requisição de sesmarias nesta área. Requisições feitas principalmente por famílias de origem portuguesa, que se direcionaram para as primeiras propriedades, como o caso da Fazenda Barreiro, adquirida e construída entre 1821 e 1856 pela família Junqueira. E que estamos falando de trechos da serra incorporados nas propriedades a partir de interesses e motivações associados à presença das águas termais na região, popularmente reconhecidas e que vinham sendo exploradas desde o final do XVIII, atravessando os séculos XIX e XX, juntamente com a presença dos médicos termalistas e botânicos que se deslocavam da Europa para cá motivados pelos mesmos interesses de exploração dos recursos.

Vale ainda destacar que, enquanto formação da Vila Nossa Senhora da Saúde até a constituição do município de Poços de Caldas, a região da Vila Cruz, na sua proximidade com a Fazenda Barreiro, foi uma área que acoplou em suas delimitações núcleos familiares afro-indígenas e também núcleos italianos, principalmente após 1888 e ao longo do século XIX.

Assim, temos que dinâmicas populacionais e fluxos migracionais proporcionaram configurações familiares que ali também se estabeleceram a partir: 1) dos marcadores dos projetos de branqueamento atravessados na concepção de nação brasileira do período; 2) das violências das políticas de mestiçagem estabelecidas sob as faces do racismo; 3) e das consequências da estrutura escravista em declínio na região, acompanhando os processos de urbanização. Todos eles associados à formação das cidades sul-mineiras de maneira geral, mas principalmente nas áreas conhecidas como balneários turísticos devido às águas minerais presentes e aos investimentos econômicos recebidos por tal presença, acompanhados de uma elite que buscava a região por motivos de saúde e bem-estar vinculados aos recursos naturais.

Todos esses atravessamentos envolvem dimensões de pertencimento nesta região e suas referências em relação aos antepassados e seus fazeres. Além disso, tanto a própria imagem de Seu Quirino quanto a existência de seus pais, narrados a partir da condição de pessoas negras e escravizadas já devotas de São Benedito no século XIX, complexificam qualquer caminho encurtado que pretenda estabelecer uma relação direta ou única entre a experiência caiapó e um campo referencial “indígena” no sentido de uma experiência “pura”. Há que se pensar nas trajetórias singulares e em que medida as tradições devocionais que envolvem o santo acompanham essa história com suas camadas, negociações e ramificações diversas, ao passo que arquivam também o protagonismo das populações afro-indígenas enquanto sentido dos rituais perpetuados, trazendo à frente a história daqueles que vivenciaram a violência da racialização e da escravização na perpetuação das tradições ao longo dos tempos.

É interessante pensarmos no perfil populacional que vai se estabelecendo na região da Vila Cruz e de que maneira as dinâmicas sociais vão favorecer aquilo que vem sendo nomeado por Brasileiro (2023) enquanto coexistências culturais/religiosas, tendo em vista as Festas para São Benedito, seus protagonistas e a maneira como a devoção se estabelece. Dinâmicas espirituais, sociais e políticas vivenciadas num campo com referências múltiplas e negociadas, que vão sendo processadas e transformadas ao longo do tempo, mas que ao mesmo tempo preservam sentidos ao que está sendo vivido, como por exemplo, o que se estabelece na Retirada dos Caiapós da Mata tanto quanto a presença das “bugrinhas” pelas procissões, sob pontos de vista que são também políticos, posicionados e que se colocam em relação à história do território e às invasões sofridas.

Neste sentido, tendo em vista os processos de racialização provenientes do contexto escravista, podemos falar de coexistências religiosas que preservam apontamentos políticos, denúncias, conflitos, embates e também resoluções resistentes, oferecendo cartografias complexas acerca da cidade, que não se sustentam sob o ponto de vista do sincretismo ou de uma simples fusão de perspectivas, como bem apresenta Brasileiro (2023). Processos que, como destaca também José Carlos dos Anjos (2017), apontam para uma religiosidade afro-brasileira que consegue produzir justamente isso: provocar cortes no continuum mestiço, num jogo de fazer permanecer diferenças e posições. E ainda na perspectiva do autor, processos onde não se trata de presentificar o passado simplesmente, como quando se evocam ancestrais, mas de compor com eles numa mesma série de eventos presentes (Anjos 2019). Ou em outros termos, expressões coletivas, familiares e partilhadas que tratam da intervenção extemporânea de um acontecimento, que quebram a sequência cronológica de eventos quotidianos para nela fazer intervir outra série temporal, que faz coexistir passado e presente assim como faz coexistir pertencimentos étnico-raciais, culturais e espirituais.

Finalizo esta publicação com uma fotografia cedida pelo Chefe Caiapó, seu Vitor Caveira sendo abraçado pelo falecido, antigo Rei Perpétuo poços-caldense, do Terno de Congo de São Benedito, Seu Luiz Siqueira.



Figura 15 — Seu Vitor Caveira e Rei Luís Siqueira na Igreja de São Benedito

Fonte: Acervo Seu Vitor Caveira, sem data.

Referências Bibliográficas

Anjos, João Carlos Gomes dos. “Comentários à Mesa Redonda 'Mestiçagens e (Contra)Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas (Coordenada por Francisco Pazarelli e Marcio Goldman, XI Reunião de Antropologia do Mercosul, Montevidéu, dezembro de 2015)”. *R@U* 9, n. 2 (2017): 213–217.

Anjos, José Carlos Gomes dos. “A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano”. *Debates do NER (UFRGS)* 13 (2008): 77–96.

Anjos, José Carlos dos. “Brasil: uma nação contra as suas minorias”. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 26 (2019): 507–522.

Anjos, José Carlos Gomes dos. *Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

Brasileiro, Jeremias. *Sincretismo NÃO! Coexistência cultural religiosa e ancestral, SIM!*, vol. 1. Uberlândia: Subsolo, 2023.

Brasileiro, Jeremias. “Nas Congadas os corpos falam, descolonizam e coexistem religiosamente com suas danças e rituais”. Em *Práticas decoloniais nas artes da cena*, org. Joice Aglae Brondani, Robson Carlos Haderchpek e Saulo Vinicius Almeida, 202–216. São Paulo: Giostri, 2020.

Florentino, Manolo. *Em Costas Negras: Uma História do Tráfico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Kiddy, Elizabeth W. “Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil”. Em *Díáspora Negra no Brasil*, org. Linda Heywood, 118–136. São Paulo: Contexto, 2012.

Caveira, Vitor. Entrevistado por Gabriela Acerbi Pereira. Poços de Caldas, Minas Gerais, 15 de janeiro de 2023. Disponível em <https://projetocuras.com.br/ep-15-seu-vitor-caveira-e-caiapos-vila-cruz/>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

Rodrigues, Petrônio. “O 'tríduo da loucura': Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico”. *Revista Tempo* 19, n. 35 (2013): 117–142.

Schwarcz, Lilia Katri Moritz. “Parati. A cidade e as festas”. *Revista de Antropologia* 38, n. 1 (1995): 277–279.

Souza, Maria José de. *Reinado e poder no sul das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

Souza, Marina de Mello. “Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural”. *Afro-Ásia*, n. 28 (2002): 87–108.

Simson, Olga Von. *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914–1988*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

Recebido: 10 de setembro de 2024

Aprovado: 30 de novembro de 2024